

Cultura contra os cunhados

Paulo Pestana

A absolvição do deputado Ricardo Fiúza pelo plenário da Câmara dos Deputados, semana passada, foi a nova senha para que Brasília passasse a ser mais uma vez atacada pelo vocabulário de impropérios que a Nação costuma reservar tradicionalmente a pessoas físicas como juízes de futebol, cunhados e credores. A cidade, aos olhos nacionais, transformou-se numa filial do Hemisfério Sul de Nápoles, a cidade italiana em que a pizza sempre foi mais importante que a máfia — lá deram jeito; aqui também se pode dar.

Brasília é a **Geni** do Brasil — todos jogam pedra, bosta, o que estiver à mão. E a única forma de se reverter esta má-vontade nacional é a adoção e o cumprimento de políticas específicas para o esporte e para a cultura. Em 34 anos de vida, os governantes se preocuparam mais em abrir espaço para quem estava chegando do que no desenvolvimento físico e intelectual da cidade. Se a cidade tem tudo para se transformar numa grande geradora de esportistas de alto nível, tem ainda mais condições de formar uma geração artística e de pensamento.

Este é um trabalho que tem que partir do governo, para que se possa organizar debate amplo sobre as saídas culturais da cidade, integrar as ações isoladas e traçar um planejamento. E esta, somente esta, deve ser a intervenção oficial. Hoje, o que se vê é um Conselho de Cultura que se dividiu em times opostos e que passa o tempo medindo forças e trocando xingamentos, como aconteceu na reunião da semana passada, quando os representantes da "comunidade" foram derrotados na implantação de um novo regimento interno.

A cidade precisa saber o que quer e onde quer ir no campo cultural, para que se forme uma identidade forte e se transforme este amontoado de casas e prédios numa cidade. Não é possível e nem mesmo difícil se isto for feito a partir de um planejamento em que a Universidade de Brasília tenha participação,

deixando o seu casulo e se conscientizando de que, fora do **campus**, há vida inteligente — o que, para a maioria dos que se refugiam na instituição, parece impossível.

Hoje parece que a cadeira do secretário de Cultura deve ser trocada por um modelo pior, mais duro. Pela falta de ação que se vê, a impressão é que ela é tão confortável que ninguém tem vontade de se mexer. O secretário César Baiocchi, reconhecidamente um homem competente e que mereceu todos os elogios quando foi chamado para a secretaria, está sofrendo de inércia aguda, espera o tempo passar, talvez até torça para que o relógio termine logo seu tor-

mento, ao contrário do bolero famoso. Ainda há tempo de se perceber, neste governo, que a cultura da cidade não pode e não deve se resumir à realização de um Festival de Cinema por ano, que é o que parece ser a única coisa a importar a alguém na Secretaria de Cultura e na Fundação

**Brasília
precisa
recuperar
a sua
presença
na cultura
e no esporte
e deixar de
ser a Geni
do Brasil**

Cultural.

Ainda há tempo de se começar um debate em torno do que é que Brasília espera das pessoas que vivem nela e não estão aqui de passagem, como alguns predadores que aparecem de quatro em quatro anos e depois somem cheios de bilhetes premiados. Brasília precisa de uma identidade cultural e esportiva para voltar a ser chamada de capital do **rock** ou de terra de Joaquim Cruz, em vez de ter citado entre seus personagens apenas os representantes do mal. E não se pede muito da Secretaria de Cultura, além de que dê a partida do processo, que deve ser auto-sustentável, autogerenciável, se possível com o governo a longa distância.